

CRUZEIRO

CARIOCA DA GEMA

Desde sua criação, a cidade foi uma extensão do Rio de Janeiro. Ainda hoje, os moradores mantêm as tradições da antiga capital

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

O lugar que, de longe, parecia cemitério fez a enfermeira Ivone chorar muito em 1959. A carioca não suportava os redemoinhos de poeira do cerrado. Tinha saudade da brisa do mar e do Cristo Redentor. Tony, também chorou pelos cantos da casa geminada, no Cruzeiro Velho, quando chegou na cidade, aos 19 anos. Deu um beijo na mãe, outro no pai e se mandou para o Rio de Janeiro. Mas não aguentou de saudade e voltou. E, assim como a enfermeira, aprendeu a suportar Brasília.

Hoje admiram a cidade, que já foi chamada de Cemitério por causa do isolamento no meio do matagal e da impressão que se tinha quando o aglomerado de casinhas brancas era avistado a distância. Não pensam mais em voltar para a cidade maravilhosa. Amam a tranquilidade do Cruzeiro. "Não suportaria mais a violência urbana do Rio de Janeiro", diz o carioca Marcelo Viana Rocha, 33 anos, em Brasília desde 1986.

O Cruzeiro cresceu rápido e está muito diferente de 1959. "Para chegar aqui, a gente tinha de seguir pela picada aberta no meio do mato", lembra a enfermeira Ivone de Araújo Eduardo, 68, a primeira moradora do Cruzeiro Velho. Era março de 1959, quando ela chegou a Brasília com o marido, também servidor público, e a filha Leila, então uma criança de 5 anos. Foi morar na casa 3 da quadra 16, no Cruzeiro.

Nessa época, a cidade era apenas um bairro afastado do Plano Piloto, com 20 casinhas. A energia elétrica era desligada às 10 horas da noite e a água chegava em carro-pipa. "Imagina só, eu morava no centro do Rio e estava aqui, enfrentando essa vida dura", conta a mulher que fazia plantão no antigo Hospital do INSS, na Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante). Hoje, o Cruzeiro é uma metrópole em comparação ao que era há 40 anos. Tem uma população de mais de 61 mil pessoas.

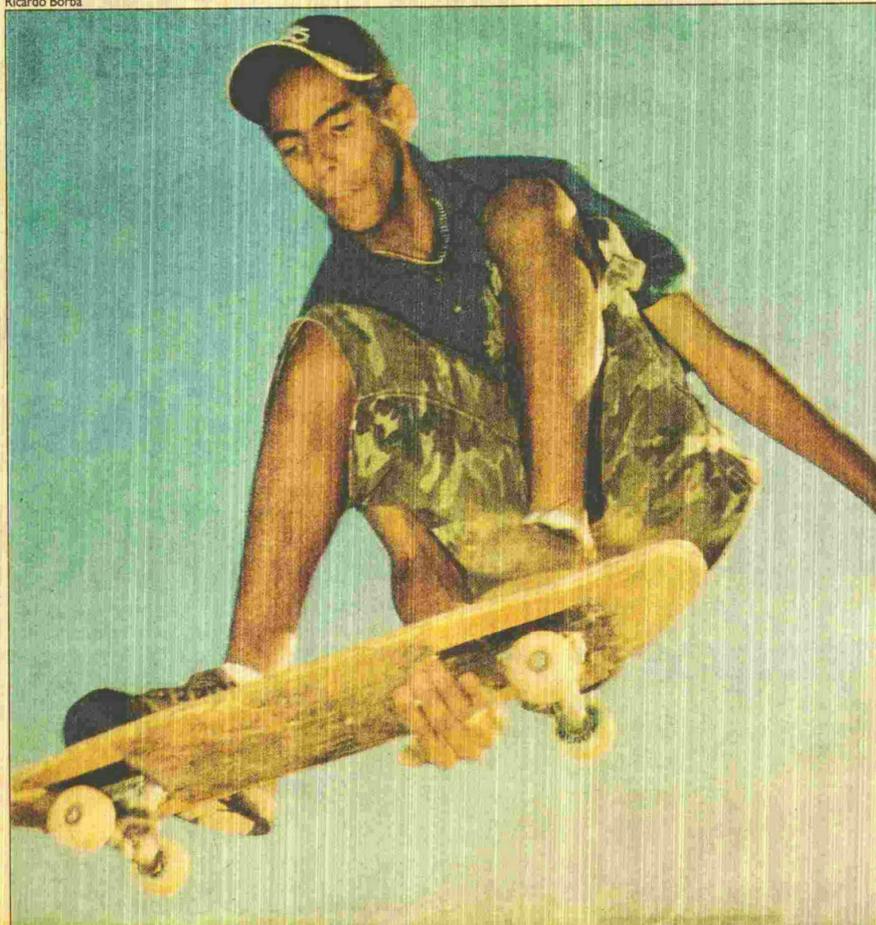
O adolescente Tony, que anos mais tarde se tornaria servidor público como os pais, detestou o Cruzeiro assim que o conheceu. O ano do sofrimento: 1967. Foi quando os pais, funcionários públicos no Rio de Janeiro, tiveram os empregos transferidos para a nova capital. Nessa época, gaviões vermelhos ainda cortavam o céu do cerrado. Eram tantos que os primeiros cariocas chamavam o lugar selvagem onde foram morar de Bairro do Gavião.

Do meio do mato que rodeava as casinhas brancas geminadas, saíam siriemas, cobras-coral e lobos-guará. Nessa época, o Cruzeiro ainda era um só. A divisão entre o Velho e o Novo só surgiria na década de 70, com a construção do conjunto de prédios. Foi uma época que marcou a juventude do carioca Antônio Jorge Gonçalves de Oliveira, 53 anos, o popular Tony do Cruzeiro, que veio com os pais e chorava pelos cantos de saudade do Rio.

Tony ainda não perdeu a fala mansa dos cariocas e os olhos brilharam quando lembra os antigos namoricos na nova capital. Existia rivalidade entre os cariocas do Cruzeiro. E regras. A turma do Cruzeiro Velho, que era chamado de Rio de Janeiro, não podia namorar as meninas de Niterói, o Cruzeiro Novo. "Sempre tinha os mais afoitos que vinham para o Rio (Cruzeiro Velho), onde as meninas eram mais bonitas. Dava briga e eles eram expulsos", conta.

Nem do Rio nem de Niterói. O carioca se casou com uma pernambucana que conheceu na igreja. "Era o único lugar que tinha pra gente ir aqui nessa época",

Ricardo Borba



Skate Parque: ponto de encontro da nova geração que nasceu e vive na cidade criada com o Plano Piloto

exagera Tony. A mulher dele, Maria José, 50 anos, concorda. Lembra-se de quando era uma menina de 10 anos e o pai a levava para a rodoviária do Plano Piloto. A diversão era brincar na escada rolante. "Fora isso, a gente brincava nos buracos de terra do Cruzeiro."

PASSARELA

Quarenta anos depois da chegada da enfermeira Ivone e dos seus primeiros vizinhos, o Cruzeiro é outra cidade. Dois novos bairros surgiram: a Octogonal, no início da década de 80, e o Setor Sudoeste, em 1989. Bairros isolados que muita gente em Brasília não sabe que pertencem à região administrativa do Cruzeiro. "Essa separação, essa coisa bairrista foi resultado de lobby empresarial. Queriam vender bem a Octogonal e, agora, o Sudoeste", explica o administrador Francisco Pires.

Essa separação forte dos bairros dá a impressão de que a Cruzeiro é muito mais um conjunto

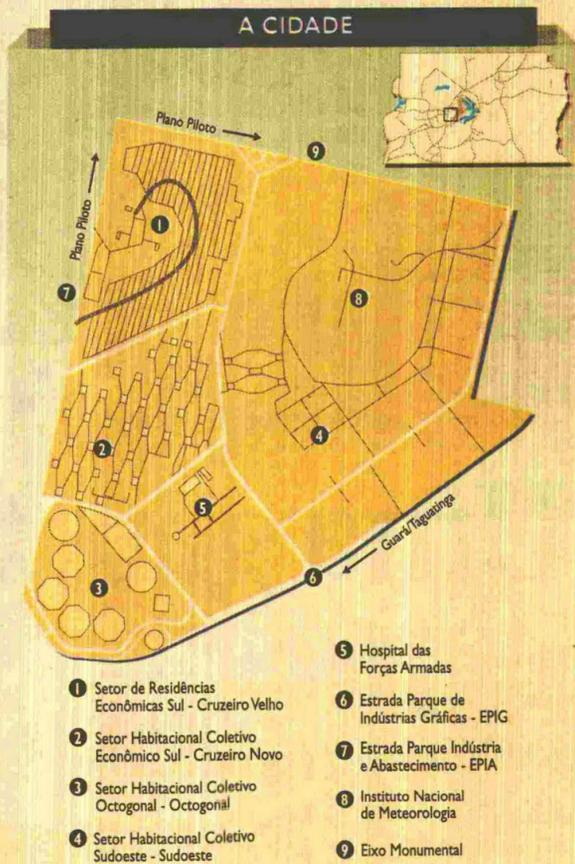
de quatro grandes regiões isoladas. Falta um pouco das coisas de uma cidade no Cruzeiro. Para começar não tem área rural, um córrego sequer. É a única cidade do DF sem campo. Não produz hortaliças, nem há vaca malhada no pasto. A área de 8,99km² se resume ao concreto do asfalto das pistas e das moradias.

Não há parque e o verde é mínimo, restrito ao gramado das praças e ao campo de futebol do Clube da Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro, a Aruc. O espaço bem localizado, perto do Plano, fez do Cruzeiro a região administrativa mais densamente ocupada no DF: 6.223,1 habitantes por quilômetro quadrado. A diferença é grande em relação ao Guará, que vem em seguida — são 2.247,5 habitantes por quilômetro quadrado.

Mas há surpresas. Coisas que só são possíveis no Cruzeiro. Uma delas é a passarela pintada de amarela, perto do viaduto

Ayrton Senna. Duas vezes por mês, a cabeleireira Kátia Silene de Miranda, 40, a atravessa para ver bugigangas na Feira do Paraguai. A filha Natália, de 4 anos, vai junto. O que tem isso? Só uma curiosidade. Bem no meio da passarela está a linha imaginária que divide o Cruzeiro do Guará. A moradora sobe a passarela no Cruzeiro e quando desce, já está no Guará. "Nunca tinha pensando nisso", diz ela, com olhos de puro espanto.

O Cruzeiro Velho tem a simpá-



tia de um interior perdido a poucos metros da capital. Onde mais se encontraria a sutileza da "dona da praça"? A goiana de compridos cabelos grisalhos, suspensos em coque, passa quase o dia todo sentada em um dos bancos de concreto da Praça Pau Brasil, na quadra 4 do Cruzeiro Velho. A praça com parquinho com areia e mesas de concreto é nova, foi inaugurada em 17 de dezembro do ano passado. De quem é a praça? As crianças que brincam por lá não pensam duas vezes. Aparentam para a mulher.

Elas não lembram do administrador nem do governador Joaquim Roriz, nomes marcados na placa sobre um pedestal de cimento. A dona da praça é mesmo a senhora de 57 anos. Marlene Nery de Oliveira não dá sossego. Pede para a meninada não saltar de skate sobre os bancos e pede para os menorezinhos catarem os papéis que deixam no parquinho de areia. Fica lá quase o dia todo.

Os filhos, quando querem falar com ela, vão até a praça. Logo cedo, Marlene já está por lá. Vigilante. Garrafa na mão, oferece cafezinho para os garis. Pouco depois a praça está livre das folhas secas e da sujeira.

De tanto abrigar cariocas, o Cruzeiro tornou-se também um pouco Rio de Janeiro. O pagode e o samba sobrevivem a cada final de semana. Tem batucada todo domingo, no Clube da Aruc e na Lanchonete Gandaia, na Feira

Permanente do Cruzeiro.

"Essa tradição de samba no Cruzeiro só podia mesmo ser coisa de carioca", diz Abelardo Lopes Monteiro Filho, 42 anos, presidente da Escola de Samba Aruc. A escola 23 vezes campeã do carnaval começou a batucar em 1961, no meio da rua e no quintal das casas. No início, eram 50 sambistas. Hoje, mais de 1.500 gingam atrás da Torre de TV em fevereiro. "Não tem jeito disso morrer, não. Em cada esquina do Cruzeiro, vejo crianças com pandeiro na mão", diz Abelardo. "É uma herança que passa de pai para filho."

Fora o samba, a juventude nascida no Cruzeiro arranhou outra forma de unir os moradores dos cinco bairros da cidade. Cinco, porque além da Octogonal e do Sudoeste, os moradores mais abastados inventaram de transformar a quadra 12 em Cruzeiro Nobre. O ponto de encontro da nova geração é o Skate Parque, uma área atrás da Octogonal 8 e perto do Terraço Shopping.

Ali, o que vale não é o lugar onde o garoto mora, mas as manobras radicais que ele sabe fazer sobre o skate. É ali que o estudante da 7ª série Thiago Almeida da Silva, 15 anos, morador da quadra 305 do Cruzeiro Novo, se arrisca em saltos aprimorados. "Toda cidade devia ter um lugar como esse. Quando morava em Taguatinga, pegava ônibus para chegar até aqui", empolga-se o adolescente, pulso direito sangrando.